summa+

129

HOTÉIS | ESCRITÓRIOS | COMÉRCIOS

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS
ISSN 1853-242X R$48
www.summamas.com

GABRIELE BASILICO

FORMAS DO URBANO ENTRE FRAGMENTO E TOTALIDADE

POR FRANCESCO MOSCHINI

O trabalho de um arquiteto fotógrafo como Gabriele Basilico não pode ser atribuído a uma ideia indeterminada, às vezes ambígua, do artístico. Em sua obra, no entanto, a criação artística assume o sentido de uma procura destinada à revelação do não visível, que lança luz sobre o que está escondido, extraviado, absorvido pela cidade que, como a realidade urbana da Zaira que Calvino descreve em *As cidades invisíveis*, "*se embebe como uma esponja e se dilata*" e, ainda que o seu passado não diga, "*o contém como as linhas da mão*". E é a essas linhas interrompidas que o artista deve dar voz, tornando visíveis os nexos subjacentes, os signos abscônditos, que as unem. Sua formação como arquiteto é a razão pela qual ele se considera responsável, com sua obra, de criticar e refletir a respeito da arquitetura, da cidade e da paisagem. Enquanto que, contemporaneamente, a partir de sua obra se revela a vontade de narrar a história da cidade no limite em que as tipologias mais importantes e os monumentos históricos se encontram com os episódios secundários da arquitetura. A cidade de Gabriele Basilico está feita de muitas solidões e de fortes contrastes, exaltados pela "monumentalidade" das presenças arquitetônicas. O antigo e o contemporâneo estão localizados como expressões contíguas e contrastantes do espaço metropolitano, pego em uma tensão que parece transpor os limites da imagem. Se nas periferias milanesas de Gabriele Basilico é possível encontrar o sentido de um viver heideggeriano, referência explícita ao Sironi das paisagens urbanas, ao não resignado cantor da metrópole, em outras obras se afirma o desapego irônico do baudeleriano *flâneur*, de quem atravessa a cidade captando a seu passo os signos intermitentes destes lugares emblemáticos nos quais o monumento se conjuga com o cotidiano, o automóvel. Nesse sentido, nenhum "catálogo" pode aferrar a contradição da vida metropolitana, a descrição de alguns lugares arqueológicos de extraordinária beleza, realizados no seu isolamento, por um lado, e as violentas dissonâncias produzidas pelo choque entre mundos irredutíveis entre si, por outro lado. E, no entanto, em suas obras, o fotógrafo, o artista, faz-se filósofo. Há uma distância apolínea a partir da qual estes "fragmentos" são contemplados na leitura do espaço sem tempo, labiríntico, da metrópole. Cada uma das suas "descrições" é proposta sob o signo de uma poética subjetiva que redesenha a imagem da cidade não a partir dos lugares de uma iconografia turística ou propagandística, senão que, através das diferentes interpretações, ressalta aspectos verdadeiros, recolhe imagens igualmente reais.

O uso do branco e preto, inaugurado com o ciclo fotográfico das fábricas milanesas, representa uma escolha privilegiada também para muitas obras sucessivas. Não apenas pelas numerosas analogias com a dimensão do desenho, mas, sobretudo, pelo seu profundo valor hermenêutico, que é determinante na participação de Gabriele Basilico na missão fotográfica da *Délégation interministérielle à l'aménagement du territoire et à l'attractivité régionale* (DATAR), na qual pode aprofundar e precisar sua reflexão sobre a paisagem, sobre a relação difícil e muitas vezes contraditória entre a realidade do construído, com suas estratificações, e seu território. Trata-se de uma busca jamais abandonada, fundamental em sua obra, a partir das tomadas de extraordinária qualidade evocativa e beleza comovedora para o ciclo *Bord de mer*, que, no seu aspecto significativo, assume a ideia de limite, de confim, entendido como símbolo material do encontro entre o dado humano e o elemento natural. A intenção de Gabriele Basilico é lançar luz sobre os nexos, evidentes e abscônditos desses términos, ainda que pareçam dramaticamente indiferentes um em relação ao outro. Precisamente a imagem do fragmento assume diversas declinações, desde a dolorosa dos edifícios devastados de Beirute até aquela mais problemática da preexistência arquitetônica. Inclusive elevando a arquitetura a sujeito de suas composições, esta se encontra, no entanto, falando de outra coisa, das dimensões possíveis do viver, ora pontualmente reconduzidas ao labirinto das metrópoles, ora congeladas em distâncias metafísicas. Basta levar em consideração as tomadas realizadas por Basilico para a mostra "Roma, os bairros históricos nas imagens de sete fotógrafos", de 1990, nas quais o artista, enfrentando-se por primeira vez com a grandiosa imponência do Coliseu, parece impulsado a conjugar a figura da grande obra com a dimensão do cotidiano, da realidade dos gestos repetidos, dos ritos

© GABRIELE BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

Gabriele Basilico, 1980-1982
Ca' Brutta, Milán, 1919-1923
(Arq. Giovanni Muzio 1893-1982)
Impressão com sais de prata sobre papel baritado
(VINTAGE PRINT) 35,5 x 28 cm

Termas de Caracalla, Roma, 4 de junho de 2010
Gabriele Basilico sulle orme di Giambattista Piranesi
(Veneza 1720- Roma 1778)

FOTO: © E CORTESIA DE GABRIEL VADUVA / ARCHIVO A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

ininterrompidos, até quase transformá-la no telão de fundo de uma representação urbana incessante, relida na estratificação de rastros silenciosos.
Dos equilíbrios complementares expostos no debate arquitetônico contemporâneo sobre a relação, muitas vezes mal interpretada, entre centro e periferia, Gabriele Basilico entendeu e ressaltou a profunda inquietude que é originada por desarraigamentos concretos. O tema da periferia – comumente entendida como cidade genérica, alienação cultural, transliteração de um problema que investe o crescimento da cidade, marginando-a num lugar destinado a acolher as escórias da cultura do Moderno – está, por outro lado, no *corpus* interno de suas obras, ligado não apenas, de maneira particular, ao crescimento da cidade, mas também, e acima de tudo, ao aspecto ideológico que ambienta na periferia a degradação urbana. Suas visões, verdadeiras epifanias do real, constroem a imagem da cidade autêntica a partir de suas mesmas estruturas abscônditas, de seus elementos, em forma individual ou como grupo, escondidos pela rapidez do movimento, pela visão distraída, pelo desinteresse e pelo excesso de impulsos. Seletivamente, seus olhares excluem o supérfluo e interceptam o sentido, e deixam dúvidas, sobre as quais fazem foco, como na sua leitura da cidade de Xangai, na qual reinterpreta com resultados sem precedentes o sentido da visão urbana da pós-metrópole. Gabriele Basilico, através da sequência de suas tomadas, parece querer nos restituir a "geografia humana", conforme a indicação de Franco Farinelli, dessa cidade, entendida como primeira forma do pensamento ocidental, da "sabedoria grega" em diante. Através de suas restituições, tende a redefinir a natureza dos principais modelos de descrição em nossa posse, mediante um verdadeiro mapeamento dos diversos episódios da mesma cidade, da paisagem, com seus diferentes sujeitos – em primeira instância, construções e infraestruturas – e seus diversos lugares, dos quais volta a determinar o espaço, com suas facetas e qualidades figurativas. Sua obra está dirigida, particularmente, a individualizar esses espaços híbridos da cidade que colocam em cena o relato ordinário da vida de todos os dias, como também a escrutar o tempo acelerado do presente, que com o passado mantém relações cada vez mais tênues e frágeis. E precisamente o autor parece se concentrar na relação entre memória e história, através das imagens materiais da vida que transcorre no tempo, quase para conjurar, mediante a linguagem visual das coisas em si, a queda da percepção do passado. Em seus olhares sobre as preexistências, Gabriele Basilico insinua que é necessário abrir passagem, instaurar um diálogo que coloque em relação à memória, entendida como esse

© GABRIELE BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

© HERDEIROS DE GABRIEL E BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

Gabriele Basilico, agosto de 1979
Milano, ritratti di fabbriche
(rua Ludovico Di Breme)
Impressão com sais de prata sobre papel fotográfico (VINTAGE PRINT), 24 x 18 cm

Gabriele Basilico, 1984-1985
Le Tréport, França - Misión DATAR
Dedicatória "para Francesco Moschini"
Impressão com sais de prata sobre papel baritado (VINTAGE PRINT), 30 x 40 cm

Gabriele Basilico
Beirut, 1991
Impressão com sais de prata sobre papel baritado (VINTAGE PRINT), 18 x 24 cm

© GABRIEL E BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

grumo de passado retido entre as pedras dos edifícios, e a história: duas polaridades contrapostas cujas imagens delineiam o irredutível dualismo, justamente porque a memória atravessa e enlaça as fases do tempo, enquanto que a história tende a separá-las e ordená-las. Deste modo, Gabriele Basilico tende a redescobrir que também a cidade de Xangai possui uma alma, como Orhan Pamuk sustenta a propósito de Istambul, da qual evidencia, olhando os panoramas numa sucessão sem fim, a natureza "infinita e sem centro", que não corresponde, no entanto, a um lugar anônimo, a uma acumulação de edifícios nos quais as pessoas vivem separadas, senão que, ao contrário, identifica-se com "um arquipélago de bairros onde todos se conhecem". Gabriele Basilico, levando em explícita consideração os conceitos de centro, de circularidade, de bordas, de zonas, de vazio, de ruínas e, finalmente, de rede, parece evitar o sublinhado de uma cidade entendida no sentido pós-moderno que passa por cima do tema do fundamento, da racionalidade e das redes, unicamente impulsada em disseminar objetos no solo, tão pouco atenta ao tecido conectivo que apenas oferece e garante significados e direções ao acionar humano, ao mover-se na cidade. Através de suas imagens, parece querer transformar a ideia de que a forma da cidade contemporânea não existe enquanto a realidade está em movimento e que o "móvel" não é apreensível para a ciência, mas apenas a mobilidade o é, quase interpretando a realidade urbana da mesma forma que um corpo vivente de imagens em sucessão perene, conforme um mecanismo cinematográfico do pensamento. Justamente, o ciclo unitário de imagens fotográficas dedicadas ao Coliseu – dirigido a procurar um contato mais direto com o objeto, quase a elaborar uma análise inédita da "desconstrução", na qual a parte e o todo vivem dilemas de identidade sem resolver – parece levar a uma sequencialidade do tipo cinematográfico. Por isso, talvez, para Gabriele Basilico a imagem do Coliseu devém lugar de uma nova discussão metodológica no tempo, que o leva a ter que calibrar pontualmente as distâncias entre os instrumentos expressivos da representação autoral e a natureza específica do objeto fotografado. Efetivamente, a relação entre o fotógrafo milanês e o Coliseu parece encontrar significado na contínua confrontação no tempo. As tomadas, que têm como objeto o anfiteatro Flavio, marcam a medida de sua extraordinária capacidade para definir a realidade em seus aspectos mais profundos, em suas permanências e em suas mutações, a partir de uma obra repetidamente indagada no transcurso dos anos. Como um texto capaz de regenerar e reinterpretar o conjunto dos próprios significados com cada leitura sucessiva, com cada nova ocasião de encontro, o Coliseu representa o fio condutor de uma narração sempre mutável nos detalhes, no humor, na claridade das lembranças. Neste sentido, a imponente ruína – *objet trouvé* "transferido" do passado ao presente – parece o campo sobre o qual insistem

© GABRIELE BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

© GABRIELE BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

Gabriele Basilico, 1973
Complexo residencial "Monte Amiata" no bairro Gallaratese 2, Milão, 1968-1972
(Arq. Carlo Aymonino)
Impressão com sais de prata sobre papel baritado (VINTAGE PRINT), 24 x 30 cm

Gabriele Basilico, 1982
Casa rotonda a Stabio, Tesino, Suiza 1980-1982
(Arq. Mario Botta)
Impressão com sais de prata sobre papel baritado (VINTAGE PRINT) 22,5 x 21 cm

sucessivas estratificações do pensamento, projetadas e sedimentadas na imagem fotográfica, para dar conta de um processo de reconhecimento e de descoberta da arquitetura e de suas modalidades de observação. Um objeto misterioso, o Coliseu, cuja figura às vezes emerge na distância entre as ruínas da Via Sacra, numa sorte de visão teatral, introduzida em seu movimento centrípeto por fragmentos murários, fileiras de ciprestes e a rítmica compacta das colunas do templo de Vênus e Roma. Em outras imagens, sua presença se manifesta, por outro lado, como uma massa desmesurada, gigantesca, capaz de provocar, ela sozinha, a saturação do campo visual e anular o que a rodeia e toda possibilidade de relação com o exterior. As tomadas realizadas no interior da antiga cávea colocam em evidência a anulação da ideia de paisagem, a qual se expressa na exclusão do exterior, com a exceção de momentos mesurados nos que este se intercepta como imagem distante na memória. Um aniquilamento não obstante apenas aparente, já que a articulação da grande ruína, com seus farrapos de construção modelados pelo tempo no seu atual caráter incompleto, converte-se no lugar de cenários infinitos, onde o indeterminado e o fragmento deixam aflorar a vocação gerativa que o monumento repõe na própria ambiguidade figurativa. O culminante desapego e a icônica persistência da simetria, através dos quais costuma observar e retratar a realidade, dão lugar a um calibrado envolvimento dos sentidos, inevitavelmente ditado pelo contínuo avanço dos arcos diafragma e das saliências, que sem solução de continuidade invadem o espaço delimitado pelo enquadramento. Uma luta entre Gabriele Basilico e o Coliseu que empurra o primeiro a experimentar às vezes a eficácia comunicativa da visão diagonal, em vez da invasão total da imagem através de visões parciais do objeto fotografado, até o traçado de uma nova natureza expressiva. Basta que seu olhar se despegue da suntuosidade da matéria para olhar a distância e, subitamente, o monumento recupera a distensão linear de uma memória dos aquedutos dispostos para marcar e medir solenemente a paisagem e a campina romana. Uma vez mais, Gabriele Basilico faz sua a lição piranesiana da restituição por fragmentos, onde a atmosfera está envolvida num fervedouro que, mais que ser considerado como poeira atmosférica, tende a ser enfocado como arroubo animista e vitalista para restituir às imagens selecionadas a grandiosidade da totalidade.

Francesco Moschini é historiador de Arte e Arquitetura, formado na Faculdade de Arquitetura de Roma. Atualmente é professor de História da Arquitetura e História da Arte na Universidade de Bari, nas faculdades de Arquitetura e Engenharia.

© GABRIELE BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

© GABRIELE BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA

Gabriele Basilico, 2000
Unidade residencial em Schützenstraße, Berlim,
Alemanha, 1995-1997
(Arq. Aldo Rossi 1931-1997)
Impressão com sais de prata sobre papel baritado
(VINTAGE PRINT), 40 x 50 cm

Gabriele Basilico, 1998-1999
Pavilhão de Portugal na EXPO '98 de Lisboa,
Portugal, 1998
(Arq. Álvaro Siza Vieira)
Impressão com sais de prata sobre papel baritado
(VINTAGE PRINT), 30 x 40 cm

Gabriele Basilico, 1980-1982
Casa in via Randaccio 9, Milão, 1924-1926
(Arq. Gio Ponti 1891-1979)
Impressão com sais de prata sobre papel baritado
(VINTAGE PRINT), 34 x 28,5 cm

© GABRIELE BASILICO / CORTESIA DE: COLEÇÃO FRANCESCO MOSCHINI E GABRIEL VADUVA A.A.M. ARCHITETTURA ARTE MODERNA